

COMMERCIAL.

I ANNO.

NUMERO 7.

PROPRIEDADE DE H. J. S. A. LOBÃO & COMP.

Assignatura 70 por anno, 40 por 6 meses, e 2500 por 3 meses; com porte do correio 80, 50 e 3000.

QUARTA FEIRA 22 DE

JANEIRO DE 1868.

PARTE OFFICIAL.

Ministerio da fazenda.

Circular n. 68.— Ministerio dos negocios da fazenda.—Rio de Janeiro em 28 de Dezembro de 1867.

Zacarias de Góes e Vasconcellos, presidente do tribunal do thesouro nacional em vista da imperial resolução de consulta da secção da fazenda do conselho de estado de 18 do corrente, ordena aos Srs. inspectores das thesourarias de fazenda que autorisem as alfandegas e mesas de rendas habilitadas para cobrar a porcentagem a que se refere a circular n. 39 de 30 de Setembro ultimo, não só em moeda de ouro e em soberanos e meios soberanos pelo valor legal, mais tambem nas q'

trata a tabella annexa, segundo os valores nella mencionados, desprezadas as fracções; ficando alterada a ultima parte da sobredita circular; a qual deverá ter execução quando a porcentagem que não prefizer o minimo valor das moedas cujo recebimento agora se permite.

As moedas que se receberem serão enviadas nas épocas competentes ás referidas thesourarias, e por estas remetidas immediatamente ao thesouro, a fim de terem o conveniente destino.

Zacarias de Góes e Vasconcellos.

VARIEDADE.

Gratidão com gratidão.

(Continuação do n. 6.)

Comprei um brigue, e lhe puz o nome de Halifax em lembrança de meu naufragio; quando meu filho fez 15 annos principiou a aprender a nautica embarcando commigo. Seis annos trabalhei fretando o meu navio para a costa do Brazil; as cidades de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, forão varias vezes por mim visitadas.

Fui ao mar pacifico, estive em Chile na cidade de Valparaizo, e no Perú em Calháo de Lima.

A minha ultima viagem foi ao Rio de Janeiro, no anno de 1860.

Quando cheguei do Rio de Janeiro estava cansado de trabalhar, retirei-me para uma casa de campo que comprei.

James continuou na minha profissão, e tomou a carreira de Baltimor, New-York e Boston, portos a que por varias vezes fui com carregamento e imigrados. Em Janeiro de 1863, seguindo viagem para Quebec, no Canadá, com um rico frete, pertencendo a carga a varios negociantes, naufragou no banco de S. Pierre, costa de New-Fond-Loup. Salvou-se em uma jangada com trez homens, e já sem sentidos por falta de alimentos, foi recolhido com um dos companheiros, unico que restava vivo, por uma escuna da pesca que se recolhía para Halifax.

Carolina, de quem já não me lembrava, pois nunca mais fui, ou tive negocios em tal porto, estava feliz. Seu estabelecimento estava acreditado, e ella tinha uma pequena fortuna; e maior teria se não gastasse sem economia com a educação de Clara, sua filha, educação que servia de causa para censuras das invejosas.—Dizião por mofa:— a Landlady espera cazar a filha com um principe da China!

Logo que a escuna entrou em Halifax se publicou naufragio com todas as particularidades e pela regra de quem conta um conto sempre augmenta um ponto, algumas mentiras houverão, como, por exemplo, que o carregamento era meu, o que não era exacto. Carolina vendo o nome do naufrago salvo James Petrie—foi buscal-o logo para sua casa, e os medicos, meu filho, e o publico, confessarão, que servio-lhe de mãe, a mais carinhosa, a mais attentiva possivel despesas, cuidados, vigílias, tudo praticou

Tabella das moedas de ouro a que se refere a circular n. 68 de Dezembro p. p.

METAL.	DENOMINAÇÃO.	PESO EM GRAMMAS.	TITULO EM MILLETIMO.	VALOR PAR.	OBSERVAÇÕES.
MOEDAS FRANCEZAS.					
Ouro.	100 francos	32,258050	0,900	35\$35,46	
»	50 ditos	16,129025	»	17\$657,73	
»	20 ditos	6,45161	»	7\$063,092	
»	As de 10 e 15 ditos	em proporção			
DA BELGICA.					
Depois de 1862.					
Ouro.	100 francos				Peso, toque e valor igual ao das moedas francezas.
»	50 ditos				
»	20 ditos				
»	10 ditos				
»	5 ditos				
HESPAÑHOLA.					
Ouro.	Onça hespanhola	26,794921875	0,875	28\$519,90	
	Dobrões de Izabel 100 reales	8,336	0,900	9\$125,675	
DO REINO DE ITALIA.					
Ouro.	20 francos	6,35161	0,900	7\$063,092	
	10 e 5 ditos	em proporção			
PORTUGUEZAS.					
Ouro.	10,000	17,735	0,916 2/3	19\$775,64	
»	As de 5\$, 2\$ e 1\$	em proporção			
DOS ESTADOS-UNIDOS.					
Ouro.	Agua dupla ou 20 dollars	33,435	0,900	36\$604,272	
»	As de 10, 5, 2 1/2 e 1 1/4 de dita	em proporção			

Observação.

Poderão ser tambem acceitas as antigas moedas de ouro brasileiras ou portuguezas na conformidade das ordens de 25 de Novembro de 1850 e 21 de Julho de 1851.

Secretaria de estado dos negocios de fazenda, em 28 de Dezembro de 1867.

José Severiano da Rocha

com excesso. James, tres mezes esteve balanceado entre a vida e a morte, e Carolina pedia com as mãos postas aos facultativos que o salvassem — dizia-lhes: — devo a vida, e toda minha fortuna ao pai, deitou-se ao mar levando-me em seus braços com risco imminente de vida só para livrar-me da morte; quero agora tudo gastar, quero salvar-lhe o filho! Quero ser grato ao meu bemfeitor.

James esteve um anno em casa de Carolina, que fazia 38 annos. Eu tinha 44, meu filho 22, e Clara 18. Nasci em 1820.

Nos tres mezes de perigo grave, Clara tambem servia de enfermeira, passou noites e noites á cabeceira do doente; ella é uma linda joven, alta, muito bem feita de corpo, semblante alegre, olhos vivos e muito bonitos, e uma boca encantadora; o que se devia esperar do doente, que tinha á sua cabeceira uma menina de 18 annos, uma feitiçeira com os dotes imaginaveis segundo as leis do amor! Uma paixão violenta; e James, não seria homem, seria um bruto, se a caso não fosse sensível aos attractivos encantos de um deusa bemfeitora.

(Continua)

TRANSCRIPÇÃO.

A religião por L. Baude.

(Conclusão.)

O argumento de ser necessario fora de nós um ente eterno e infinito e as trevas, que acompanhão essa luz, não servem senão para mostrar a existencia dessa mesma luz; porquanto disso mesmo resulta a manifestação de um ente infinito, e tambem a demonstração da impossibilidade de ser elle comprehendido por um ente finito. Em summa, se da impossibilidade de conhecermos uma coisa podessemos concluir a não existencia dessa coisa, seriamos levados a negarmos a nossa propria existencia, visto que se existimos de presente, não temos sempre existido, e nisso ha um especie de criação, que não é mais comprehensivel que a criação do mundo inteiro, e que é com tudo impossivel de ser negada. Eis ahi porque o Sr. Lamennais disse que o verdadeiro atheu seria aquelle, que dissesse que nada existe.

Quanto ás objecções tiradas da existencia do mal, seria preciso, para que ellas tivessem alguma solidez, que aquelles, que as apresentão, provassem que o mal é uma coisa real e absoluta, como entendião os antigos persas e depois os discipulos do persa Manés, por esta razão chamados manicheus, os quaes admittião dous principios eternos: um, infinitamente bom, autor do bem, e outro infinitamente mau, sempre occupado em fazer mal. Deste modo procuravão elles dar a razão da junção, que se observa no mundo, do bem e do mal.

Mas semelhante doutrina não pôde supportar o exame da razão:

1.º Porque os dous principios, de que se trata, existirião por sua propria natureza,

serião necessarios, illimitados e perfeitos; mas é contradictorio que possão existir dous entes necessarios e illimitados; além disto um ente infinitamente mau, longe de ser perfeito, seria infinitamente imperfeito, não tendo por partilha senão a negação das perfeições, o que é um absurdo inqualificavel.

2.º Porque ou esses dous entes, reciprocamente oppostos, disporião de forças iguaes, e então não haveria bem nem mal, visto que duas forças iguaes, uma opposta á outra, se destruirião reciprocamente, ou elles disporião de forças desiguaes, e então o mais forte teria ha muito tempo destruido o mais fraco, visto que disporia da eternidade para combate-lo.

Segue-se, portanto, que não ha mal puro, mas absoluto no mundo, e que o que chama-se mal é apenas uma imperfeição, uma diminuição do bem, não sendo o mal absoluto outra coisa mais do que nada.

Quanto ao mal moral, isto é, ás paixões, ás desordens d'alma e aos crimes, que lhes succedem, é elle evidentemente o resultado do nosso livre arbitrio; é o deploravel uso que fazemos da nossa vontade, que, unica, deve responder por isto. Mas para que confiarão-nos uma arma, de que podemos tanto abusar? Para que revestio-nos Deos do poder de desobedece-lo? O que n'outros termos reduz-se ao seguinte: porque não somos escravos? Porque não servimos de ludibrio á uma irresistivel fatalidade? N'uma palavra, é pedir contas a Deos do mais nobre e do mais precioso dos seus dons; e querer-se-hia que, para impedir o mal, tolhe-se-nos a liberdade, que fizesse-nos simples automatos, que se encaminhassem ao bem como por uma necessidade? Onde estaria então o merito da virtude?

De mais, quando não se podesse responder a todas as objecções tiradas da existencia do mal, ellas não deverião ser, pelo menos, consideradas como comprovando o facto. Deos existe, e isto deve ser-nos bastante, por quanto Deos não poderia ser concebido sem os attributos de um infinito poder, de uma infinita bondade.

Quer lancemos, pois, os olhos para o universo, quer nos consideremos interiormente, somos forçados a reconhecer a existencia de um ente creador. Mas como disse com razão S. Agostinho, se a providencia de Deos não presidiisse ás acções dos homens e ao governo do mundo, não seria necessario tratar de religião; ora, perguntar se ha uma providencia, é perguntar se Deos cuida das suas creaturas, se governa este mundo por leis estabelecidas por elle proprio, se regula a sorte dos individuos e a das nações, e se, por um acto tão constante quanto universal, conduz todas as cousas a fins dignos de si.

Que hesitação pôde offerecer-se a isto? Deos não podia abandonar ás suas creaturas ao acaso, depois de have-las formado; porquanto, se elle dignou-se de forma-las, não podia dedignar-se de governa-las e velar sobre ellas.

A fé na divina providencia tem sido sempre constante e universal.

Templos, altares, victimas, hymnos sagrados, um culto, eis o que se encontra no velho e novo mundo. Os pagãos vião a mão de Deos em toda parte; dividirão o mundo moral, bem como o material, em diferentes divindades tutelares; tinham deuses nacionaes, deuses domesticos, deuses para o nascimento e deuses para os funeraes, para a paz e para a guerra, como tambem os tinham para os astros, mares, colheitas, flôres, fructos, bosques e fontes. Essa crença faz o centro das poesias de Homero, isto é, do mais antigo dos escriptores conhecidos depois de Moysés.

O bom pastor Eumeo attribue o feliz successo das suas fadigas a Jupiter, que abençoou o seu trabalho em tudo o que lhe havia sido confiado. Os cuidados da Providencia estendião-se até aos animaes; fallando de uma pomba Homero disse que o destino não quiz que ella fosse presa. Tudo procelia dos deuses, de quem tudo se esperava, e a quem se recorria para obtenção dos bens, de que se necessitava.

Essa verdade, que é o fundamento da religião, patentea-se a cada passo em Homero, e principalmente na bella allegoria das orações, incluída no novo livro da Iliada, onde Phenix procura applicar a cholera de Achilles:

«Abranda, lhe diz elle, esta excessiva cholera, que te domina; um coração incompassivo não te assenta. Os deuses, que são mais poderosos que tu e de uma natureza mais elevada, não deixão de ceder; o incenso, os humildes votos, as libações e os sacrificios apagam a sua cholera, accessa pelas offensas, que lhes são feitas. As supplicas são filhas de Jupiter; posto que mancas e timidas no olhar, seguem de longe a veloz injuria, afim de conjurar os males por ella produzidos. Se alguem recebe com respeito essas santas filhas de Jupiter, ellas acolhem immediatamente os votos, que lhes são dirigidos; mas quando são despresados, correm a procurar o filho de Saturno, pedem a Jupiter, seu pai, que puna aquelle que as despresou, e que lhe dê por companheira a cruel injuria.

Os annaes de todas as nações attestão a antiguidade e a universalidade do mesmo dogma; e a razão, de accordo com o concurso do genero humano, demonstra-nos que existe um Deos, autor e soberano senhor de todas as cousas, ao qual devemos fé, obdiencia, adoração e amor. O que importa, na realidade, crer em Deos, se não se fizesse dellesenão um idolo encerrado no fundo do Olympio, como os deuses de Epicuro? Este philosopho foi geralmente considerado como um impio por haver desconhecido a Providencia.

Segue-se, pois, que as diversas circumstancias, em que nos achamos, effeitos da Providencia de Deos, porquanto nada produz-se casualmente. Devemos, por consequente, adora-lo tanto nos males como nos bens, que nos apparecem, confiar sempre nelle, e lembra-nos a cada momento destas palavras do Evangelho:

«Attendei para os passaros do céu; elles não plantão nem colhem; Deos é quem os nu-

tre: e quanto valeis mais do que elles! Olhai para as açucenas dos campos; ellas não trabalham nem fião: entretanto Salomão, em toda a sua gloria, nunca adornou-se como uma dellas. Se Deos tem o cuidado de ernar assim a erva do campo, quantos cuidados não tomará por vós, homens de pouca fé?»

NOTICIARIO.

Por demais.—«O Commercial não pende para nenhum dos lados políticos que se debatem na provincia, fazendo, porém, justiça, crê que ambos visão o engrandecimento da patria.»

Eis os principios que se achão consignados no programma de nosso jornal e que mercê de Deos havemos de sustentar.

Quanto ás insinuações pouco amistosas que começam a apparecer sem nós termos dado causa á isso, declaramos que á ellas não responderemos, para não entrarmos em questões inconvenientes q' quasi sempre precipitão os contendores em um abismo que não é facil conhecer a fundo.

Parte official.—Chamamos a attenção dos leitores para a circular do ministerio da fazenda que dá publicidade á tabella dos preços das moedas estrangeiras.

Risos.—Um mancebo encontra-se com uma moça pela primeira vez; forma as suas tenções de tál-a um dia por companheira, sorri-se então *brancamente*, queremos dizer, o seu riso é *branco*, porque é a expressão sincera do que seu coração sente nessa occasião. Vai para casa toma uma folha de papel e escreve á dita, deixando ver por entres as expressões calorosas do amor que descreve, um riso *verde*, tão verde como a nascente esperança que já lhe alimenta a alma.

Decorrem-se alguns dias em boa harmonia; e em uma bella tarde de verão, passando elle pela casa da bella, vê-a na janella á conversar com o primo; mas logo que o avista, sorri docemente para elle, sendo correspondida por um *risosinho azul* com que lhe retribue o ciumento, que já a julga namorada do primo.

Eil-o agora em casa do pai da moça, por occasião de um baile e conversando com o respeitavel, que lhe diz:—Eu, senhor, estimo muito minha filha, e hade custar-me bastante á cêdel-a áquelle que com ella quizer cazar, e que tenha merecido o seu coração.—O pobre mancebo, approvando o dito do bom pai, acompanha-o de um *riso amarello* riso que exprime justamente o contrario do que pensamos.

Deixa o velho, dá um passeio pela sala, e, quando vai passar á uma outra, esbarra-se com o dono de uma loja de roupas feitas, e cujo comprimento consiste em perguntar-lhe pelo importe da sobre-cazaca que traz vestida, e isto na occasião em que a menina tambem passa: n'um abrir e fechar a'olhos responde o pobre:—Ora não brinque...—e isto acompanhado de um *riso amarello*,

que é logo seguido de outro *roxo*, e acompanhado destas palavras:—*Não me comprometta.*

Apenas sahio do apuro em que se achava, eil-o correndo em procura da dama, afim de estudal-a e ver o que ficou ella pensando do tal encontro, levando, porém, nos labios um *riso encarnado*, como encarnado está o seu rosto, mas é logo substituido por um *verdegaia*, riso que exprime a esperança da ignorancia, e o desanimo em caso de sciencia do occorrido.

Acaba-se o baile, e cada um se recolhe á sua casa: o nosso amigo fal-o tambem, e depois de deitado apaga a luz; mais reflectindo, não póde deixar de soltar um *riso negro* como nankim, recordando-se do vexame porque passou na occasião mesmo em que a sua bella lhe sorria faceira!

Adormece, porém, e passa a noite sem novidade. No dia seguinte, o tempo está chuvoso: o nosso heróe vai passear, e ao passar bem em frente á casa da dita, escorrega em uma pedra e é obrigado á estender-se no chão bem contra a sua vontade, levantando-se em seguida com um sorriso *côr de lama de Pariz*, exactamente a *côr* de que se acha tinta a calça do pobre mancebo!

Trata-se finalmente o casamento, e durante esse tempo o nosso amigo traz nos labios o seu riso *côr de carmin*, como as faces que assim se tornárão á força de muita agoa de florida: algumas vezes tambem é *côr de azul celeste*, *côr de ouro*; emfim é o periodo onde os risos tomão as *côres* mais bonitas.

Casa-se, e desde que pronunciou o terrivel—recebo a vós,—o seu riso torna-se então *côr de laranja*!

Morrer para o mundo, dizem as moças solteiras!

E' bem lembrada.—Tendo chegado nm marinheiro da sua viagem, ao saltar em terra encontrou-se com um seu collega, que o saudou dando-lhe a noticia do passamento da cara metade!

—Ah! meo amigo, tirei a sorte grande, por ter a morte me alliviado de semelhante cruz.

Despedindo-se do collega, passava um padre, e chamando-o, pedio-lhe para mandar dizer uma missa por alma da defunta.

Ao que acceitando o convite pedio este que o acompanhasse á sua sella.

Seguirão ambos para o lugar indicado, e abrindo o padre uma garrafa de bom vinho do Porto lh'a offerecêra.

O marinheiro toma o primeiro calix lembrando-se da sua bella terrinha: assim se expressa: Ah! Senhor padre este é do fino e do legitimo! Dê-me mais outra pinga. Não meo filho, replica o padre, não te posso satisfazer ao teu desejo por que é d'este liquido que uso para livrar as almas do purgatorio.

Sr. padre não quero mais o seo vinho, por que se eu bebo mais, a minha mulher terá de sahir daquelle santo lugar, é melhor que ella lá fique para não me encommodar.

Agua, exercicio, e dieta.—O celebre medico Dumolin, que vivia no tempo de Luiz XIV, estando para morrer, e ro-

deado dos mais distinctos medicos de Pariz, que lhe testemunhão a sua dôr pelo estado em que o vião:—Meus senhores, disse elle, não lamenteis a minha morte, porque deixo em meu lugar tres grandes medicos.

Instado para designar quaes erão estes medicos, em cujo numero cada um dos assistentes pensava ser incluido, elle respondeu immediatamente e com grande descontentamento de todos:

—Estes medicos são: a agua, o exercicio, e a dieta.

Mais uma applicação das cordas da rabeca.—Viajava em certa occasião o celebre musico inglez Arne, e para se restaurar entrou n'uma estalagem, onde em consequencia do grande concurso de gente todos os comestiveis se havião esgotado.

A ultima peça de carne acabava justamente n'aquelle momento de sahir do espeto para ser servido a outros viajantes.—Arne achando modo approxima-se do prato sem ser visto, tira a toda pressa da algibeira uma seda de rabeca, miga-a em mil pedacinhos e os espalha por cima do assado.

—Os cavalheiros, a appareição nojenta de uma carne que parecia apolvilhada de bixos, descompõem o criado, e ordenão-lhe que retire já dalli sem lhante borum langa.

Era o mesmo que Arne desejava. Pede ao criado que lhe sirva aquella comida, dizendo-lhe que mesmo assim como estava trataria de aproveitar. Tendo comido regaladamente deu-se por conhecido, e cantando o logro rio a bem rir da cara que fazião os cavalheiros ao verem que de uma corda de rabeca tão boas harmonias se podião tirar para o ouvido, como para o estomago.

Apreciem.—Um ministro de estado chega á sua secretaria.

Não ha que fazer, e, pois, Sua Excellencia volta-se para um dos continuos com toda a sua amabilidade:

—O que é da secretaria, pergunta-lhe o ministro, que Vm. mais gosta?

—Eu, excellentissimo senhor, responde-lhe o continuo, é dos primeiros dias do mez e das trez horas da tarde de todos os dias.

PUBLICAÇÕES SOLLICITADAS.

POESIA

offerecida ao Sr. José Honorato de Oliveira, pelo abaixo assignado.

E' possivel, morte fêra,

A' minha vida roubares,

A vida por que vivia,

Para na campa á lançares?...

E' possivel!—é verdade!

Nunca tanto acreditei!

E's soberba, não tens penas;

Tens caprichos, não tens lei!

Meus prantos, ais, e suspiros

De saudades, amôr, ternura,

Venho entornar sobre á lage

Desta fria sepultura.

Possa meu pranto inda quente;

Dar ao gêlo algum calor;

P'ra que a morte nunca extinga

Sagrado fogo de amôr!

Desterro 21 de Janeiro de 1868.

J. F. de Almeida

COMMERCIO.

PAUTA SEMANAL.

Preços dos generos sujeitos a direitos de exportação.

Semana de 18 a 25 de Janeiro de 1868.

Agoardente	Canada	500
Algodão em caroço	Arroba	4800
Amendoim com casca	Alqueire	12000
Arroz com casca	"	2400
Dito pillado	Sacco	102000
Assucar branco	Arroba	52000
Mascavo	"	25000
Refinado	"	52120
Batatas alimenticias	Alqueire	12500
Café chumbado	Arroba	72000
Em casquinha	"	52900
Casca grossa	Sacco	82000
Pó	Libra	500
Cal	Moio	252000
Couros de boi secos	Libra	220
Salgados	"	100
Farinha de mandioca	Alqueire	12120
Dita de milho	"	12280
Feijão	"	12920
Fumo em folha bom	Arroba	62000
« Ordinario	"	42800
Gissaras inteiras	Uma	800
Matte ou erva matte	Arroba	22400
Mel ou melago	Canada	360
Milho em grão	Alqueire	22000
« Mãos	"	560
Polvilho ou gomma	Alqueire	22750
Pranções de ariribá		
até 20 palmos	Duzia	302000
« Para mais, idem	"	402000
« Sedro ate 20 palmos	"	262000
« Para mais	"	302000
Canella preta e paroba		
até 20 palmos	"	162000
« Para mais	"	202000
Guaruba até 20 palmos	"	132000
« Para mais	"	162000
Oleo até 20 palmos	"	112000
« Para mais	"	152000
Portadas de qualquer		
madeira	Uma	52000
Ripas de gissara	Centa	32000

ALFANDEGA.

Rendimento de 13 até 17..... 1:3682835

MOVIMENTO DO PORTO.

Entradas.

Dia 17.

Da pesca.—Hiate Americano «Washington Irving.»

Dia 18.

Montevideo e Rio Grande.—Vapor «Guaporé» commandante Ferreira conduz passageiros.

Nevoport.—66 dias barca ingleza, «Princess Alice» capitão John Collier, carga carvão para o governo consignado a C. J. Watson.

Dia 19.

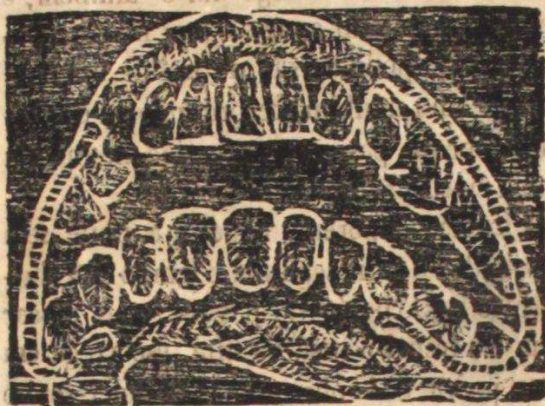
Liverpool—74 dias brigue inglez «Antillo» capitão George Hemsbons, carga carvão para a companhia de paquetes, consignado a C. J. Watson.

Sabidas.

Dia 18.

Rio de Janeiro—vapor «Guaporé» commandante Ferreira, conduz passageiros.

ANNUNCIOS.



O dentista Medeiros, tendo de se demorar ainda por algum tempo nesta cidade, previne ao respeitavel publico que recebeu pelo ultimo paquete um grande e variado sortimento de superiores dentes de porcellana com gengivas e sem ellas, que collocará não só pela pressão do ar como com molas singellas e dobradas em baze de ouro ou vulcanite. A modicidade nos preços e uma longa pratica de 14 annos é a garantia que apresenta em seu favor.

As pessoas, porém, que necessitarem de seu prestimo podem dirigir-se á sua residencia na rua da Conceição n. 15, todos os dias uteis das 8 da manhã ás 5 da tarde.

DEO GRATIAS.

Devendo ter lugar no dia 2 de Fevereiro proximo futuro, a festa de N. S. do Desterro Padroeira da capital, com missa cantada,

AVISO.

O escriptorio do COMMERCIAL é na rua do Ouvidor canto da do Senado onde se recebem assignaturas, como tambem os escriptos para serem publicados ou qualquer reclamação.

Todos os escriptos, porém, que tiverem responsabilidade, devem vir competentemente legalisados na forma da lei, sem o que não poderão ser enseridos.

O COMMERCIAL publica-se duas vezes por semana, ás quartas feiras e sabbados, os annuncios ou quaisquer outras publicações serão recebidas até a vespera da sahida do jornal.

Desterro 1.º de Janeiro de 1868.

H. J. S. A. Lobão & Comp.

Typographia do COMMERCIAL. —1868.

orando ao Evangelho o Rev. padre Francisco Pedro da Cunha, com novena na vespera, orando o Rev. padre Joaquim Eloy de Medeiros, e Te-Deum á noite na entrada da procissão, orando ao acto o Rev. padre arcepreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.

O abaixo assignado como procurador da mesma devoção, convida á todos os fieis á comparecerem a estes actos religiosos para tornar-los mais solemnes, assim como convida á todas as irmandades para que revestidas com suas opas se dignem a acompanhar á procissão que terá lugar no referido dia ás 4 horas da tarde.

A todas aquellas Senhoras que costumão a dar anjos, peço a respectiva concorrência. Desterro 21 de Janeiro de 1868.

O Procurador

Antonio Eleuterio de Sousa Braga.

THEATRO.

Companhia Dramatica dirigida por Silva Leal.

(DESEJADO SUCESSO !)

Aprompta-se para subir á scena 5.ª feira 30 do corrente o esplendido drama em 5 actos, de Alexandre Dumás, intitulado:

DAMA DAS CAMELIAS.

Tomão parte n'este espectaculo não só toda a companhia, como alguns amadores que graciosamente se prestão, em consequencia do numeroso pessoal que requer este magnifico poema.

O director pede submisso ao respeitavel publico toda a sua benevola attenção para um drama que por unica recommendação tem apenas o nome de Alexandre Dumás, e que á despeito de contrariedades e sacrificios durante um mez, faz subir á scena, espe-lando obter por meio d'elle não só a rehabilitação do credito artistico de sua companhia como tambem a moralidade no trabalho, cujas faltas lhe são sempre prejudiciaes.

Para o proximo jornal virá detalhadamente annunciado este espectaculo.